

Índios sobrevivem com dificuldade em reserva do ES

Eles são cerca de 1.500 no Estado e sobrevivem em cinco aldeias, numa área de 4,2 mil hectares, na reserva de Santa Cruz, em Aracruz. São os índios guaranis e tupiniquins. Enfrentando um acelerado processo de extinção e um inexorável acultramento, eles não têm muito o que comemorar no dia de hoje, definido pela cultura predominante – branca – como o Dia do Índio. Hoje, se não chover, as aldeias pretendem dançar, cantar e beber, com sabor de protesto. Afinal, as condições de vida dos índios que habitam aquela região são muito precárias.

O cacique Tupã Kwaray (Deus do Sol), da comunidade guarani, reconhece que não há muitos motivos para comemorações. "Estamos tristes, mas queremos lembrar nossa cultura", diz o cacique, de 49 anos, casado, seis filhos pequenos. Vestindo calça comprida, calçando tênis e usando adereços típicos de sua tribo, Tupã Kwaray reconhece que a comunidade que che-

fia sobrevive com muita pobreza. "A mata não é mais bela, os rios estão poluídos, não temos mais como caçar, pescar, surgem muitas doenças novas, temos poucos remédios, e tem famílias de índios que estão indo embora", resumiu sua tristeza.

A comunidade dos guaranis é integrada por 20 famílias, com 84 pessoas, incluindo 37 crianças com menos de 14 anos. Os tupiniquins são mais numerosos, porém, com um nível de acultramento muito acentuado. Na reserva de Santa Cruz, a primeira aldeia que se encontra é a dos guaranis. Lá fica a pequena escola de primeiro grau, o posto médico, ambos os prédios de alvenaria. Mais à frente começam a surgir as primeiras cabanas guaranis, construídas com barro e raízes de árvores, teto de palha e piso de terra batida.

No ano passado não comemoramos o Dia do Índio, porque muitas lideranças nossas, mais velhas, tinham morrido e sentimos muito", explica o

cacique. Apesar das dificuldades, Tupã Kwaray fala com amabilidade, sempre de cabeça erguida, como se quisesse ressaltar a dignidade de seu povo. A escola funciona com professores brancos, e, no posto de saúde, um médico comparece duas vezes por semana. "Quando o índio adoce, vai no médico, que manda comprar remédios na cidade", diz. "Muitas vezes usamos remédios da mata, aconselhados pelo pagé", diz.

Os guaranis cultivam milho, feijão, café, e frutas, principalmente. Para manter sua cultura viva, conversam entre si apenas no seu idioma. Recentemente, 15 famílias guaranis abandonaram a reserva, e foram para Rio Silvera, em São Paulo, onde existem sete aldeias. No verão, os índios sobrevivem vendendo objetos artesanais que produzem, e nos outros meses se dedicam à agricultura. A aldeia possui uma cozinha comunitária, onde várias índias se rezeam no grande fogão a lenha.

Governo cria comissão hoje

Representantes das comunidades indígenas deverão estar hoje, às 9h30m, no Palácio Anchieta, para a solenidade de criação da Comissão de Assuntos Indígenas, vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania (Sejuc). A criação da comissão será anunciada pelo governador Vitor Buaiç. O objetivo é criar mecanismos de acompanhamento da situação dos índios, e a agilização das medidas visando melhorar as condições de vida das comunidades tupiniquim e guarani.

Vitor pretende apresentar um plano para que os índios atinjam a auto-suficiência alimentar. O projeto inclui o

plântio de 36 mil mudas de café conilon, e eletrificação da região de Santa Cruz, com investimentos previstos em R\$ 50 mil. A irrigação será feita numa área de 50 hectares, com o plantio consorciado de café e feijão, nas aldeias de Pau-Brasil, Boa Esperança, Comboios, Irajá, e Caieiras Velhas. Os índios já receberam incentivos para a cultura de abacaxi, e já possuem quatro açudes, onde criam peixes, como carpas e tilápias.

A Sejuc informou, através de sua assessoria, que outros projetos estão em pauta, nas áreas de educação – formal e alternativa – e saúde. O Go-

verno do Estado pretende atuar na região em parceria com a Prefeitura de Aracruz e a empresa Aracruz Celulose. O cacique Tupã Kwaray disse que os tanques de peixes podem se tornar em uma solução para as aldeias, tanto para a alimentação dos índios quanto para a obtenção de renda.

A mata da reserva já não oferece condições para a caça. Ele acredita que a caça predatória, que ocorria antes da demarcação das terras, tenha resultado na extinção da fauna nativa. Assim, os índios criam muitas galinhas e patos, insuficientes para as comunidades.

Foto de Chico Guedes



Durante o verão, os índios sobrevivem vendendo artesanato para os turistas